

Disfunções das paisagens – quatro temas e um exemplo

Renato Neves*

O conceito de “paisagem cultural” saiu já de um contexto meramente académico, para passar a integrar um discurso e um léxico utilizado nos meios de comunicação social e na política. O termo surge cada vez com mais frequência no âmbito das políticas do património e do ordenamento, parecendo ser já um conceito do domínio comum.

Não obstante essa aparente consciência, as paisagens portuguesas, tão evocadas pela sua diversidade e riqueza, são cada vez mais “suburbanizadas” e descaracterizadas, com efeitos perversos não apenas ao nível do património e da biodiversidade, como também por essa descaracterização pôr em causa uma série de actividades tidas no discurso político actual, como estratégicas para Portugal, nomeadamente o chamado Turismo de Natureza. De facto uma boa parte do território nacional, com excepção dos baldios das serranias e áreas florestais, parece pertencer a uma categoria de paisagem expectante, abandonada, aguardando um qualquer outro uso.

Nesta apresentação aborda-se a situação e evolução recente em Portugal de quatro tipos distintos de paisagens culturais: as salinas, características das zonas estuarinas e lagunares, actualmente maioritariamente abandonadas e alvo das mais variadas pressões para diferentes usos (vias de comunicação / urbanizações, transformação em aquaculturas ou arrozais); os lameiros típicos sobretudo do domínio do chamado Alto-Portugal e noroeste, particularmente ricos ao nível da flora, e cujo manejo permite a existência de pequenas zonas húmidas; os olivais em socalco, verdadeiras paisagens monumentais maioritariamente abandonadas pela falta de competitividade dos azeites dessa origem face à proliferação dos olivais intensivos; e finalmente os regadios frutícolas e hortícolas da zona saloia, da Península de Setúbal e Algarve, com os seus sistemas de rega tradicional, cujos terrenos se encontram em parte abandonados em parte urbanizados.

Como exemplo da desconexão entre os vários discursos da sociedade, ao nível do património e do ordenamento, seja da administração central seja da administração local, geradoras de uma série de “disfunções” na paisagem, apresentamos o registo fotográfico e cartográfico do sistema do Aqueduto das Águas Livres desde o seu início em Caneças até ao seu final nas Amoreiras (Lisboa). Aquilo que é um dos grandes monumentos da hidráulica europeia, que como estrutura linear ramificada ao longo de mais de 20Km poderia constituir uma via de fruição e interpretação das paisagens, desde a ruralidade da região saloia ao coração do centro histórico de Lisboa é, por força da desregulamentação, laxismo, e desordenamento uma impossibilidade.

Este facto é particularmente eloquente da incoerência de um discurso oficial de valorização do património e da paisagem.

* Mãe d'água